

GUIMARÃES ROSA, CRONISTA DE GUERRA

Waldete Freitas Barbosa (SEDUC)¹
Sílvio Augusto de Oliveira Holanda (UFPA)²

Resumo: O volume *Ave, palavra*, de João Guimarães Rosa, obra póstuma, publicada em 1970, transcreve 54 textos considerados pelo escritor uma "miscelânea", que reúne notas de viagem, diários, poemas, contos, crônicas, flagrantes, reportagens poéticas e meditações, tudo o que, aliado à variedade temática de alguns textos em verso e de feição filosófica, constituiu sua colaboração de vinte anos em jornais e revistas brasileiras. Objetiva-se estudar a crônica "O mau humor de Wotan" (1948), de Guimarães Rosa, tomando por base o referido livro de 1970, com enfoque no problema da classificação dos textos e no caráter de testemunho destes.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; Ave, Palavra; crônica; guerra.

Crônica inicialmente publicada no *Correio da Manhã*, em 29 de fevereiro de 1948, "O mau humor de Wotan" é uma das mais longas crônicas rosianas. Constitui-se de 104 parágrafos, reunidos nas páginas 3 a 12, somando 10 páginas da primeira edição do volume *Ave, palavra*, de 1970.

A história se passou na Europa, no século XX, quando a Polônia foi invadida pela Alemanha, dando início à Segunda Guerra Mundial (1939-1945). As ações narradas e descritas de forma densa, intercalando os diálogos com maestria, aconteceram, especificamente, na cidade de Hamburgo, onde o narrador viveu suas experiências ao lado dos amigos europeus.

As personagens que fazem parte da história são: o narrador em primeira pessoa; o soldado Hans-Helmut Heubel; Márion Madsen (esposa de Hans-Helmut Heubel); Déty (filho do casal Hans e Márion); *Frau Madsen* (mãe de Márion);

¹ Mestre em Letras pela UFPA. Professora vinculada à Secretaria de Estado de Educação do Estado do Pará. E-mail: waldetefreitas@hotmail.com.

² Doutor em Letras pela USP. Professor associado II da Universidade Federal do Pará. E-mail: silvio1holanda@gmail.com.

Annelise (amiga de Márion); Capitão K. (esposo de Annelise); dr. Schwartz (Schw) (pai de Annelise).

A crônica rosiana apresenta o percurso de vida de Hans-Helmut Heubel e Márion Madsen. Hans foi convocado por duas vezes para apresentar-se junto ao exército alemão. O narrador é amigo do casal e acompanha o sofrimento de Márion que ficou angustiada por ver o marido partir para guerra. Os tempos são difíceis e as personagens refletem a complexidade da situação que as envolve.

Partindo da análise do título da crônica “O mau humor de Wotan”, pergunta-se: Quem é Wotan? Segundo a análise feita por Jung,

é o deus pagão dos germânicos, “um deus das tempestades e da efervescência que desencadeia paixões”. Pode-se relacionar Wotan com o fenômeno nazista. Wotan é uma personificação de forças psíquicas, corresponde a uma natureza irracional, um ciclone que anula e varre para longe a zona calma onde reina a cultura. (Jung 2010: n.p.)

Wotan, nome alemão de Vótan-Odin – o deus mitológico –, surge como símbolo da força germânica que, num capricho de “mau humor” e prepotência, instaura seu poderio sobre os homens. Nesse sentido, observamos a presença do deus Wotan, analogamente ao modo como os Gregos percebiam seus deuses, isto é, como personificações das forças terrenas. Temiam os castigos que provinham dos deuses, punições que, às vezes, não afetavam apenas um único indivíduo, mas poderiam até mesmo atingir toda a comunidade.

Para manter a ordem dentro da sociedade, as regras e os ritos usados para demonstrar o respeito para com as divindades, eram rígidos e deveriam ser seguidas fielmente. Daí o vínculo estreito entre os homens e os deuses.

Em 19 de agosto de 1934, foi realizado um plebiscito em que o povo alemão aprovou a posse de Adolf Hitler para o cargo de Presidente. Segundo os dados históricos, mais de 38 milhões votaram a favor e apenas 4 milhões contra. A partir de então, Hitler exigiu de todos os oficiais e membros das forças armadas um juramento de fidelidade para com ele próprio. Eis o juramento: “Faço perante Deus este sagrado juramento de render incondicional obediência a Adolf Hitler, o *Fuehrer* do povo e do Reich alemão, supremo comandante das forças armadas...” (Hitler 2010: sem paginação). Hitler foi deificado durante a vida. Foi Wotan, e seu mau humor consistiu em destruir tudo em nome da poderio alemão.

Configura-se, nesse caso, o mito racista do arianismo, o qual foi revalorizado e difundido no Ocidente principalmente pela Alemanha. O homem ariano desejava ser o modelo exemplar, devendo por isso ser seguido e imitado por todos, pois, acreditava-se que dessa forma se recuperaria a pureza das raças, da força física e de um princípio onde tudo fora glorioso. Assim, Wotan é o deus da guerra alemão, encarnado naqueles propensos a condicioná-lo.

O narrador, em primeira pessoa, inicia a história contando que Hans-Helmut Heubel relia a Cabala ou a Bíblia e cria num destino plástico e minucioso, produzido pelo homem e por saudade relembrou a série de causas que trouxeram a conhecê-lo. Tendo Márion Madsen como referência, foi em busca da origem, da data e recordou os tempos passados.

Márion foi quase namorada do narrador, durante um dia, à margem do rio Alster, em 1938 quando já se falava com ira na Inglaterra, por causa da Tchecoslováquia. Mesmo com o insistente galanteio do narrador, Márion hesitou em ceder às facilidades do amor, porquanto se apaixonou por Hans-Helmut Heubel. Márion dizia que iria se casar e ter filhos. Seguindo o diálogo, o narrador perguntou-lhe se os filhos seriam para obedecer ao *Fuehrer*, Márion respondeu-lhe – “O *Fuehrer* não encontra tempo para amar... O *Fuehrer* sagrou-se à política...” (Rosa 1970: 3).

Márion e Hans-Helmut casaram-se antes do ataque à Polônia e viajaram para Bruxelas em lua de mel. O narrador afirma que por causa do namoro que não deu certo, veio a conhecer Hans-Helmut, o melhor amigo que descobriu na Europa. Antes de ingressar no exército alemão, Helmut trabalhava com o pai, que era proprietário de um viveiro de plantas em Halstembeck.

Quando Márion e Hans voltaram a Hamburgo, a Polônia estava vencida. O povo desejava a paz, enquanto Hitler intencionava sua paz forçosa, pairando em Berchtesgaden, cidade alemã situada nos Alpes bávaros no extremo sul da Alemanha e da Baviera, a 30 km de Salzburgo (Áustria).

Hans-Helmut apresentou-se pela primeira vez ao exército alemão, mas não o recrutaram. Na busca de entender sobre os discursos políticos em evidência naquele momento, o narrador referiu-se a uma luta travada entre Hitler e Churchill: “Lutava-se em sinuoso, pelo direito de uma alma, nos amáveis serões em que brincavam-se [sic] adivinhações inocentes ou se jogava o *skat* [jogo de cartas]” (Rosa 1970: 4). Assim, à medida que o narrador e *Frau* Madsen, mãe de Márion, se voltavam para Churchill, Hans e Márion inclinavam-se para Hitler.

O narrador menciona a ira da Inglaterra por causa da Tchecoslováquia; a esse respeito pode-se acompanhar o que esclarece o historiador britânico Eric Hobsbawm:

[O] “Acordo de Munique” foi o pacto em que França e Inglaterra, representantes da Tchecoslováquia, consentiram, em nome da paz, com a transferência de partes da Tchecoslováquia para Hitler. “O acordo de Munique despedaçou a Tchecoslováquia e transferiu grandes partes dela para Hitler, mais uma vez pacificamente”. O resto foi ocupado em março de 1939. Quase imediatamente uma crise polonesa, mais uma vez resultante de mais exigências territoriais alemãs, paralisou a Europa. Disso veio a guerra europeia de 1939-1945. (Hobsbawm 2009: 148)

Nesta crônica, há um evento importante, que ganha o olhar subjetivo do autor. Assim, o leitor acompanha o acontecimento, como uma testemunha guiada pelo olhar do cronista que tem a pretensão de registrar de maneira pessoal o acontecimento. O cronista dá ao fato uma perspectiva que o transforma em fato singular e único.

Desse modo, a crônica “O mau humor de Wotan” coincide com um contexto histórico importante – a Segunda Guerra Mundial. Observou-se, na leitura do texto, que há uma crítica à desumanização na cidade grande, aos direitos civis, ao conflito de classes, ao que acontecerá com o homem após a guerra, e, em meio a toda essa

situação, somos apenas números e não pessoas, pois, como resultado, temos o rompimento de valores.

A palavra “rio” é uma constante nos textos rosianos. Vale ressaltar o que Guimarães Rosa afirmou em diálogo com Günter Lorenz: “quando escreve, repete o que viveu antes” (Lorenz 1983: 72). Para o escritor mineiro,

[o]s grandes rios são profundos como a alma do homem, na superfície são vivazes e claros, mas nas profundezas são tranquilos e escuros como o sofrimento dos homens, porém amava mais uma coisa nos rios: sua eternidade. (Lorenz 1983: 72).

O rio simboliza nossa existência com todas as peripécias de nosso destino, é um símbolo da própria vida. Nesse ambiente, o narrador cronista conheceu Márion Madsen, à beira do rio Alster. Não namoraram nem casaram, mas se tornaram grandes amigos.

O narrador lembrou que encontrava frequentemente com Hans-Helmut Heubel e várias foram as conversas entre eles. Contava-lhe sobre o Brasil, o amigo europeu escutava com interesse e seguiam a conversa entrando pelos grandes assuntos internacionais e universais.

Prosseguindo o estudo, vale mostrar o significado do nome de Hans Helmut e Márion. Hans (www.iremar.com.br/nomes), traduzindo do alemão para o português, tem-se João, que, do hebraico, significa agraciado por Deus, indicando uma pessoa que possui nobreza de caráter. Helmut significa alegria, proteção. Como palavra composta: “Hel” em alemão é um adjetivo que significa inteligente e “Mut” – esforço, coragem.

Pelo perfil do nome, pode-se compreender Hans, em sua postura filosófica, como um homem intelectual que dominava a cultura letrada do século XX. Não compactuava com as ideias que levariam o homem a continuar praticando os atos mais irracionais que se pudesse imaginar. Nomeou Itália, Goethe, Teutos, Cimbros, Música. Tinha preferência pelo que aparentava jovialidade, alegria, leveza. Transpirava as delícias do mundo, o vinho, a paisagem, o amor e o dinheiro.

Não apoiava ideologicamente o exercício da força e não tinha por ela nenhuma espécie de fascinação. Era capaz de sentir, apesar do caos, sofrimento e dor provocado pela guerra, a beleza da paz como forma de tranquilidade humanizadora.

Analisando o nome de Márion, do alemão para o português, Maria. Do hebraico – amargura, mágoa, senhora. Indica serenidade, força vital e vontade de viver. Pode-se relacionar ao fato de Guimarães Rosa descrevê-la como “romântica, tonta [cautelosa/criteriosa] e femininamente prenhe [cheia] de prudência”, pois experimentava aos poucos trazer o marido à linha de *Heil Hitler* mais enfático. Essa descrição invalida uma trajetória de engajamento nazista em Márion e aviva-lhe a prudência como critério de sobrevivência.

Hans-Helmut Heubel foi recrutado pelo exército em dezembro e partiu despreocupado.

Hans se colocara, sob poder de sua boa estrela, de seu destino: trabalhou para o Estado-Maior da Divisão, dobrava funções de chofer e datilógrafo e ganhava maior probabilidade para sair vivo da guerra. Isso tranquilizava o narrador e Márion,

porquanto consideravam o aspecto físico de Heubel: “míope e de medíocre físico, com lentes grossas.” Já no escritório, agradava imaginá-lo: “por sua prezada silhueta mercantil-metafísica, acudindo à palavra ‘burguês’” (Rosa 1970: 5-6), ou seja, era um trabalho condizente com o perfil de Hans.

Passaram o inverno, o frio, os trens com soldados pela Lombardsbruecke, ponte sobre o rio Alster. Às vezes, Márion não sabia de nada. Sabia apenas que Hans-Helmut certamente estaria vivo, com saudade e saúde. Esteve na França, alojado em Chantilly. Depois da *blitz* [bombardeio] e do armistício, dele receberam carta, demonstrando crescente amor pela França.

O narrador recomeçou a aceitar a tese do amigo europeu: “Hans-Helmut não dava, no coração, mínimo pouso à guerra” (Rosa 1970: 5), por isso o destino o retirou temporariamente da guerra, e assim, Hans se protegeu, mesmo estando no meio dela.

Decorreu que a 117ª Divisão retornou a Hamburgo. Hans, além dos presentes de Márion, trazia as lembranças da França no coração, requintara-se em várias coisas. Aprendera expressões francesas como:

– “*Les Français, vous savez... Tja, die Franzosen...* Sabem beber, inventaram essa arte... Um cálice, antes do jantar, *l'apéro, un verre...* O conhaque, à noite: *Encore une fine! Pà"asit, ma p'tite!*” – tocava copo com Márion. – “*Tu es pas mal... Je t'aime...* (Rosa 1970: 6)

Nesse primeiro retorno, reunido com os amigos, entre alegrias e conversas, alguém perguntou: – “E a guerra?”. O soldado Hans-Helmut Heubel respondeu: “– Nossa Divisão vinha na retaguarda... no caminho quase não houvera combates... – Da guerra, mesmo, avistei só uns cavalos mortos, e cachorros, felizmente...” (Rosa 1970: 6).

Para o narrador era um nenhum relato, dito de encurtar conversa. Contudo, tomara força e forma: solta, concisa. O cronista recordava o borgonha que cheirava a cravo, tinha gosto de avelãs, de saliva de mulher amada. E a rádio de Breslau enviava-nos cançãozinha:

“*Ach Elslein, liebes Elselein*, [Oh, pouco mais, querida Elselein]
wie gern war ich bei dir!” [Como eu era feliz com você] (Rosa 1970: 6)

O narrador nunca o notara mais honesto. O soldado Hans-Helmut ignorou a guerra, resumiu em nada sua experiência no campo de batalha, negou esta realidade e continuou fiel à disciplina de seu pensamento, isto é, à sua filosofia de vida.

O cronista narrador parece nos dizer que a guerra, de acordo com Walter Benjamin, não traduz nenhuma experiência narrável: “No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável” (Benjamin 1985: 198).

Hans-Heubel e o amigo brasileiro passaram a se encontrar com mais frequência. Em conversas amistosas, discutiam assuntos importantes. Hans argumentava de maneira justa e desconsolada: – “Sul-americano, você deseja a vitória dos países conservadores. Mas, nós, alemães, mesmo padecendo o Nazismo,

como podemos querer a derrota? Que fazer?” (Rosa 1970: 6) Compreende-se que Heubel não disse que concordava com os objetivos nazistas, apenas afirmou que, como alemão, não gostaria de perder a guerra.

O cronista narrador buscava contra Hitler um “*mane-téquel-fares*, a catástrofe final dos raivados devastadores” (Rosa 1970: 7). Todavia calava-se, com o amigo a citar Goebbels, que induzia a Alemanha, com inteligência miasmática e inumana, com que “Logge, o deus do fogo, instigava os senhores do Walhalla, no prólogo dos Nibelungen” (Rosa 1970: 7).

No momento em que Márion conhece Annelise configura-se, possivelmente, o “minuto origem”, “nó causal” ou “grão primigerador”, início da ruína de Hans. Primigerador traz consigo a junção de primeiro+gerar+dor. Espécie de resumo dos acontecimentos que recaíram sobre Hans. Ainda que tudo possa ter “começado descuidada ou deixadamente, em Heubel mesmo – para aceitarmos sua crença pia” (Rosa 1970: 5).

Na mesma página em que narrou a boa estrela de Hans, também narrou a representação das forças, as Nornas, deusas nórdicas que controlam a sorte e que encaminharão Hans ao trágico destino: à guerra, à morte.

É interessante notar que, em entrevista com Guimarães Rosa, Lorenz diz que “todos os assuntos enumerados tiveram grande importância na vida do escritor mineiro: a diplomacia, os cavalos, as religiões, os idiomas.” No entanto, Guimarães Rosa, em resposta, pede que “não esqueça seus cavalos e suas vacas, pois quem lida com eles aprende muito para sua vida e a vida dos outros.” (Lorenz 1983: 67). Quando alguém lhe narrava algum acontecimento trágico, Guimarães Rosa apenas dizia: “Se olhares nos olhos de um cavalo, verás muito da tristeza do mundo!” (Lorenz 1983: 67).

Ao contrário, Hans-Helmut Heubel para encurtar qualquer conversa sobre o horror da guerra, utiliza a imagem dos cavalos como estratégia para não narrar a tristeza do mundo já que não descreve pessoas mortas, famintas, doentes, desesperadas, mutiladas, sofrendo a maldade e o horror da guerra.

O narrador referiu-se à expressão bíblica encontrada no “Livro de Daniel”, capítulo 5, versos 25 a 28. Para isso, é bom lembrar aquilo de que trata a história bíblica:

Havendo Belsazar provado o vinho, mandou trazer os vasos de ouro e de prata que Nabucodonosor, seu pai, tinha tirado do templo que estava em Jerusalém [...] para que bebessem por eles o rei e os seus grandes, as suas mulheres e concubinas. (Bíblia 1999: 592; Daniel, 5:2)

Em meio ao banquete oferecido pelo rei Belsazar, um dedo humano aparece escrevendo na parede do Palácio advertências que o deixaram assustado, pois não compreendia o significado de tais palavras. Assim,

ordenou o rei, com força, que se introduzissem os astrólogos, os caldeus e os adivinhadores: e falou o rei e disse aos sábios de Babilônia.. Qualquer que ler esta escritura, e me declarar a sua interpretação, será

vestido de púrpura, e trará uma cadeia de ouro ao pescoço, e será, no reino, o terceiro dominador. (Bíblia 1999: 592; Daniel, 5:2-7)

Não havendo quem interpretasse o que estava escrito na parede, alguém lembrou e chamou Daniel, o profeta de Deus, que recusando a tentativa de suborno do rei, interpretou o significado das frases escritas na parede do palácio. Essa foi a última noite dos babilônios e do rei Belsazar. Eles encheram a taça de sua iniquidade.

O escritor Guimarães Rosa usou três palavras como raízes de verbos aramaicos. *Mene/Mane* (palavras variantes) que significam “contado”. *Tequel/Téquel* – “pesado”. *Parsin/Ufarsin/Peres/Fares* (palavras variantes) cujo significado é “dividir”. *Peres* é a forma singular de *Parsin*.

Inscribe-se a expressão bíblica no trecho da fala do sul-americano quando em conversa amistosa com Hans-Helmut.

Mene: “Contou Deus o teu reino e deu cabo dele.”

Tequel: “Pesado foste na balança e achado em falta.”

Peres: “Dividido foi o teu reino e dado aos medos e persas.” (Bíblia 1999: 593)

Porém, à busca verbal de uma punição fulminante para o líder nazista segue-se um calar adversativo de evidente frustração por parte do narrador.

Por meio da leitura da crônica “O mau humor de Wotan”, percebeu-se que a história se repete em relação ao domínio entre as nações. Pode-se comparar Hitler e Belsazar, entre outros aspectos, no sentido de como se sentiam, por causa da grandeza que tomavam para si, pois todos os povos, nações e línguas tremiam e temiam diante deles: a quem queriam matavam, davam a vida, engrandeciam, e abatiam. Mal humorados, cometiam as piores atrocidades, configuram-se como Wotan, o deus da guerra, da insatisfação, do ódio àqueles que se opusessem ao seu domínio.

O tempo passa. Após amistosa conversa, sem avisos, Márion diz que aceitou o convite para jantar na casa de Annelise. Lá, estariam o capitão K., marido de Annelise, Dr. Schwartz, pai de Annelise, médico retirado, que gostava de cursar conferências sobre quaisquer temas. O Dr. Schw., seco, *unsympathisch* [não simpático], não causou boa impressão ao narrador.

– “Ah, se ao menos até o Natal acabasse esta guerra!”. Clamava Márion, longe das presenças da Gestapo, preparando as roupinhas do bebê. (Rosa 1970: 7).

“Notem: antes do Natal, a mão do *fatum* volveu a Heubel, num meio gesto: foi ele chamado de novo às filas, para o acampamento de Münster, onde veteranos infantis voltaram a aprender, de a a z, dia sobre dia, as partes de todo combater” (Rosa 1970: 7). Nesse período, Hans-Helmut veio a Hamburgo para conhecer o filho Déty.

O narrador encontrou-se, por acaso, com Márion e a mãe, no teatro. *Frau* [senhora] Madsen informou que a Divisão de Hans-Helmut moveu-se para outra parte. Assim, o narrador apressou num cartão duas linhas para seu amigo. Depois, como a peça teatral era viva e diferente do tempo, um pouco se alegraram. Márion falava do marido, dela, do filho.

Os dias se passavam e o narrador não sabia o que fazer para ajudá-los, já que Márion não disse tudo a ele. Porém, insistiu em perguntar: – Para onde o mandaram, Marionzinha? Pode você confiar isso a um “estrangeiro inamistoso”? Ela responde: – “Que sei, que sei? – esta guerra não acaba!”. (Rosa 1970: 7).

Então, Márion decide contar para o amigo, o que ele não pôde compreender durante o jantar na casa dos K., pois a conversa, segundo o narrador, ficou longe de seus ouvidos.

– Tem você lembrança de quando Hans-Helmut e eu estivemos com os K.? Você sabe, o Dr. Schw., pai de Annelise? Veja um homem crasso, persuadido, sem grão de alma. Vivendo de cor os conceitos: glória, o que mal sei, mais-pátria e raça... os desses. Discursam, pisando na mão de uma criança... (Rosa 1970: 11)

Entretanto, Hans-Helmut tendo a esposa ao lado, se mostrava feliz, ingênuo. Durante o café, o dr. Schw pediu que Hans apresentasse suas narrações de campanha. O soldado Hans-Helmut sorria para Márion, fumava seu charuto e respondia: – “Ora, eu, da guerra, só vi uns cachorros e cavalos, mortos, felizmente...” (Rosa 1970: 11). O dr. Schwartz ficou insatisfeito com a resposta de Helmut. Logo Annelise tornou-se indiferente, transformou-se a boa vontade.

Daí a meia semana, “Hans-Helmut foi reconvocato. Causal?” (Rosa 1970: 11). Ao apresentar-se, avisaram-no que não continuaria em Estado-Maior e sim na tropa. Qual teria sido o plano do capitão K.? Transferiram Hans-Helmut à companhia sob comando dele. Todavia, Márion Madsen decepcionou-se com a atitude do capitão K. quando disse que entre ele e Hans “não haveria espécie de intimidade, tibieza, epicurismos” (Rosa 1970:11).

Para Helmut, a princípio, pareceu bom ficar sob as ordens de um amigo. Mas o Capitão K. zangou-se com o espírito livre de Hans, que como se seguisse a doutrina do Epicuro, buscasse garantir sobre tudo a “tranquilidade de espírito”, o que, equivale dizer: relegar os ideais nazistas para um segundo plano. Nesse sentido o Capitão K. “executou seu trabalho” como técnico perfeito ante a ameaça do inimigo.

Márion Heubel pediu ajuda a Annelise, esposa do Capitão K., mas teve de romper a amizade, porque Annelise a desprezou. Buscaram outros recursos, mas tudo em vão. O que oprimia Hans-Helmut não era o medo, o risco ou a ânsia de livrar-se, mas o horror enorme à maldade. Dessa maneira, “puderam matá-lo, primeiro, nele, alguma coisa” (Rosa 1970: 12). Conforme acreditava Márion, “Mataram nele a plasticidade de não ver o horror.” (Rosa 1970: 12). Percebe-se esta morte lenta em suas últimas cartas. Finalmente, a guerra o assombrava.

O narrador tenta confortar a amiga, dizendo que o marido voltará bravo e bom, porém Márion afirma: – “Mas, voltar, demora... Sinto que vou sofrer muitos dias, depois muitos dias, depois muitos dias... Sofrer no sangue, sofrer no sonho... Tenho de tremer de sofrimento...” (Rosa 1970: 9).

Correm conquistas, entra outubro, multidões vão caindo. O narrador recebeu outro cartão do amigo Heubel, que dizia:

E o pior é ter de avançar, dias inteiros, pela planície que nunca termina. Meus olhos já estão cansados. Raramente enxergo um trigal, choupanas. Chove, e a lama é aferrada, árdua. O russo se retrai com tal rapidez, que nunca os vemos. Quando você estiver com Márion, diga-lhe que nela penso todo o tempo, e no menino. (Rosa 1970: 10)

Helmut descreveu uma imagem da guerra, mas não se referiu a pessoas mortas. O diplomata respondeu-lhe: “Márion e eu esperamos conserves tua consciente crença” (Rosa 1970: 10). Logo as cartas foram devolvidas pelo correio, destinatário inalcançável. Márion se desesperou e chamou o amigo que, com pesar, anunciou a triste notícia:

Ele, Márion. Não voltará; não o veremos. Veio a exata fórmula, papel tarjado. Hans-Helmut Heubel passou, durante um assalto, e deram-lhe ao corpo a cruz-de-ferro. Seus traços ficarão em chão, ali onde teve de caber no grande fenômeno, para lá do Dnieper, nas estepes de Nogai. Ninguém fale, porém, que ele mais não existe, nem que seja inútil hipótese sua concepção do destino e da vida. Ou que um dia não venham a ser *“bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra”*. (Rosa 1970: 12).

Ao longo da história da humanidade, o século XX talvez tenha sido aquele em que os homens conseguiram criar e ampliar, com incomparável habilidade e inteligência, a capacidade de destruição. Helmut, o menos belicoso dos homens, era manso e tinha o direito de viver segundo sua filosofia de vida com paz e tranquilidade da alma, vivendo em repouso e sem guerra.

Para o historiador britânico Eric Hobsbawm,

a catástrofe humana desencadeada pela Segunda Guerra Mundial é quase certamente a maior da história humana. O aspecto não menos importante dessa catástrofe é que a humanidade aprendeu a viver num mundo em que a matança, a tortura e o exílio em massa se tornaram experiências do dia a dia que não mais notamos. (Hobsbawm 2009: 58).

Guimarães Rosa trouxe à tona conflitos de classe, descortinou que a humanidade sobreviveu. Contudo, o grande edifício da civilização do século XX desmoronou nas chamas da guerra mundial, quando suas colunas ruíram e o diplomata brasileiro enfrentou uma cultura intolerante com relação ao outro.

A crônica é concluída com referência a outra citação bíblica escrita no livro de Mateus, capítulo cinco, verso cinco – “Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra”. O narrador chegou a acreditar que Hans ficaria livre dos campos de batalha. Mas a amargura, a miséria, o caos em que o mundo se encontrava o deixou indignado ao lembrar toda a experiência que passou em Hamburgo.

A reflexão da crônica que se encerra posta-se, rumo à tentativa de entender a vida humana. Dessa forma, Guimarães Rosa espera cooperação, no sentido de estabelecer o diálogo entre o receptor e o texto. O cronista narrador não permite que

a guerra soterre as vivências comunicáveis. O narrador, Márion e Hans estão tomados de experiências comunicáveis, cheias de lembranças. São eles, e não a guerra, que conduzem a narrativa.

O tema se atualiza. Pode-se comparar o contexto da crônica “O mau humor de Wotan”, com a frase “o sertão é o mundo” do narrador de *Grande sertão: veredas*, visto que, por meio da crônica, mostra a realidade europeia, não só daquela época (1939-1945), mas também, as atuais. Exemplo disso, são os registros nos jornais escritos e televisivos ou em qualquer meio de comunicação, notícias sobre injustiça social, miséria, fome, desigualdade, o que remete à ideia de que o homem se animalizou sob condições subumanas de sobrevivência.

Há um valor educacional intrínseco a ser obtido quando recapitulamos a História. A pessoa fica sabendo o que as civilizações conseguiram alcançar, quem foram os poderosos e influentes e que erros evitar. Assim como a História secular coloca diante de nós um precedente, o mesmo ocorre com a crônica de Guimarães Rosa. Por meio do testemunho dos personagens, toma-se conhecimento das grandes batalhas contra as intransigências humanas, das suas vitórias, quedas e, o mais importante, como conseguiram denunciar ao mundo as tristes experiências que viveram não só em período de guerra, mas em diferentes contextos.

Toda nação se gaba de uma história singular, que, embora repleta de histórias de paz e guerra, liberdade e escravidão, vitórias triunfais e amargas derrotas, deve ser entesourada. Os monumentos nacionais contam e criam um senso de identidade nacional à medida que a história do país se torna a história pessoal de seus habitantes.

Historicamente, a essência das histórias de vida da humanidade não mudou. Nossa existência (antiga e nova) parece estar presa a uma estranha repetitividade. Na controvérsia geral da grande guerra mundial, não há nada de novo. Portanto, que relevância essa história tem para nós hoje? Guimarães Rosa escreveu essa crônica observando o cotidiano que ele jamais imaginou que experimentaria. Escreveu sua crônica por meio de fatos reais e expôs seu intenso interesse nos assuntos diários que se passaram na Alemanha.

A crônica é uma narrativa que registra o circunstancial, porém a crônica rosiana pretende uma provocação, uma atitude e resposta no leitor.

O cronista narrador relembra no parágrafo 57 [1ª edição] da crônica “O mau humor de Wotan” que adormeceu e sonhou com a dor das separações. Conforme o texto jornalístico intitulado “A 2ª guerra vista por Guimarães Rosa”, publicado na revista *Bravo!* em fevereiro de 2008, encontra-se o relato, em carta de 1938, sobre o deslumbramento do diplomata pela Alemanha e conseqüente decepção.

Mesmo eu, que já tinha lido dezenas de livros sobre a Alemanha, que já convivi com alemães, que já tinha conversado [...] com funcionários do Ministério vindos da terra germânica, mesmo eu, repito, não tinha uma ideia verdadeira do que era isto! E a minha imaginação, que não é das mais fracas, foi batida e humilhada: a Alemanha é qualquer coisa de formidável! (Rosa 2008: 36)

É interessante a resposta do Guimarães Rosa, quando fala da cidade dele para Lorenz. Como é próprio do estilo rosiano, apresenta rapidamente um levantamento de sua origem, mas antes pergunta ao entrevistador: “Cordisburgo. Não acha que soa como algo muito distante?” Continua, revelando que a família dele, era pelo sobrenome portuguesa, mas na realidade era um sobrenome sueco que na época das migrações era Guimaranes, nome que também designava a capital de um estado suevo na Lusitânia.

Guimarães Rosa relata, o resultado de sua pesquisa, apresentando um pouco da história dos suevos. Segundo o autor mineiro, um povo, que como os celtas, emigrou para todos os lugares sem poder lançar raízes em nenhum. Assim, para ele, o Cordisburgo germânico, fundado por alemães, era o coração do seu império suevo.

Para o escritor mineiro, cada língua guarda em si uma verdade interior que não pode ser traduzida. Sem que ele conhecesse a Alemanha, a língua já lhe mostrava o que poderiam ter sido os alemães, se não tivessem esquecido a intimidade com Goethe, Wagner e Strauss. Mas quando se conhecem os alemães, diz o escritor, o despertar é triste. Para o literato brasileiro, a experiência pessoal não diz nada contra a sabedoria de Goethe, Wagner e Strauss, mas sim contra os alemães modernos.

João Guimarães Rosa afirmou conhecer a literatura alemã. Admirava Goethe, Thomas Mann, Franz Kafka, Freud e adicionalmente a literatura dos autores russos Dostoiévski, Tolstoi e franceses Flaubert, Balzac, pois, de acordo com a declaração do escritor brasileiro, todos esses o influenciaram intensamente. Para ele, havia autores jovens que queriam melhorar o mundo; certamente as intenções desses jovens eram honestas e boas, declarou o escritor. Mas, segundo o literato, não o conseguiriam, pois todos eles juntos não teriam a importância que uma única frase de Goethe tem para o destino do homem, para o futuro.

Na crônica “O mau humor de Wotan”, Guimarães Rosa sugere a resgate da cultura alemã por meio da tradição. Assim, Goethe é mencionado na crônica. Observou-se que o escritor brasileiro fez um jogo com a saudação nazista, substituindo o “Heil Hitler!” pelo “Heil Goethe!” É preciso notar, nesse sentido, o deslocamento operado pelo escritor, entre o espaço político e o cultural. Esse fato revela a admiração de Guimarães Rosa não por Hitler, mas por Goethe.

Johann Wolfgang von Goethe, considerado importante escritor da literatura alemã e do Romantismo europeu nos finais do século XVIII e inícios do século XIX, cuja obra influenciou a literatura em todo o mundo. Definia-se como poeta acima de tudo. A visão de mundo e a ciência do escritor alemão são a base de suas ideias acerca da existência humana. Com o romance *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe tornou-se famoso em toda a Europa no ano de 1774 e, mais tarde, o mais importante autor do Classicismo de Weimar.

Goethe afirmou que “Weimar não é uma cidade com um parque, mas um parque com uma cidade” e de fato o “Park der Ilm” é mais do que um parque, mas uma oportunidade de conjugação entre uma cidade em grande movimento com a ocupação de tempos livres num espaço natural pacato, demarcando-se pela sua beleza extraordinária do ponto de vista paisagístico e da sua própria dimensão. É no centro do parque que se encontra a casa de férias de Goethe, atualmente um dos muitos núcleos museológicos que a cidade procura preservar.

Aclamado como gênio no Segundo Reich, as ideias de Goethe foram fundamentais para a instauração da República de Weimar após a Primeira Guerra Mundial. Já na Alemanha, sua obra fora deixada de lado, pois suas ideias humanistas não se associavam com a ideologia nazista.

Porém, sua grande obra foi o poema *Fausto*, escrito em 1806. Baseada numa lenda, esta obra relata a vida de dr. Fausto, que vendeu a alma para o diabo em troca de prazeres terrenos, riqueza e poderes ilimitados.

O desejo de poder em *Fausto* cresceu em ritmo desenfreado, tornando-o gradativamente insensível às perdas humanas que possam lhe custar a conquista do mundo. O personagem mítico do Fausto passou a representar o homem do século XX, às voltas com seus demônios.

A Alemanha de Guimarães Rosa é historicamente chamada de *Das Land der Dichter und Denker* (A terra dos poetas e pensadores). A cultura alemã tem seu início muito antes do surgimento da Alemanha como um estado-nação e abrange todo o mundo falante do alemão.

Em meio à narrativa cotidiana do horror da guerra, o escritor brasileiro fez referências a alguns seguimentos da obra de Richard Wagner como a música tocada ao ar livre, a Logge deus do fogo, que investigava os senhores de Walhalla no prólogo dos Nibelungos e a representação das Nornas.

Guimarães Rosa elaborou um título significativo para essa crônica. Para o que queria deixar escrito, foi detalhista e, assim, deixou um texto complexo, denso, estimulando o leitor a pesquisar as palavras e viajar por textos literários e não literários.

Levantou-se a hipótese de que Guimarães Rosa buscou nos escritos literários alemães, especificamente na ópera “O anel dos Nibelungos” de Richard Wagner, o título da crônica “O mau humor de Wotan” para reconstruir a história cultural alemã com base em fatos reais. A linguagem constrói uma linguagem cultural. Para o escritor, a Alemanha não poderia ser reduzida a uma vontade nazista.

Seguem-se algumas indagações: Qual é a perspectiva do cronista? A defesa da Paz? E a questão política? Denunciar as atrocidades da Segunda Guerra Mundial? Mostrar ao mundo a Alemanha cultural, seus aspectos positivos, para que não só esse país, mas a Europa não ficassem rotulados pela imagem da destruição?

Richard Wagner constituiu um marco incontornável, cuja influência alastrou até ao presente nos mais diversos campos do pensamento e da arte. Nascido em Leipzig, em 1813, Wagner interessa-se cedo pelo teatro e pela música. Em Zurique redige o poema e inicia a composição da tetralogia, *O anel dos Nibelungos* [*Der Ring des Nibelungen*]. Tanto a música como o libreto foram escritos entre 1869 e 1874. Dela fazem parte as óperas: O ouro do Reno, As Valquírias, Siegfried e o Crepúsculo dos Deuses.

Veja-se a leitura do Prólogo, cena introdutória, em que, se fornecem os dados prévios elucidativos do enredo da peça.

Filhas de Erda, Deusa de Midgard (a Terra), as três Nornas estão próximas à rocha de Brünnhilde, tecendo o fio do destino. É noite e elas cantam sobre o passado, como o fogo erguido por Loge a mando de Wotan para circundar Brünnhilde. Elas contam a origem da lança de Wotan, o subjugamento de Loge, o roubo do ouro do Reno pelo anão Alberich. O fio se embaraça na ponta de uma rocha, cortando-o

parcialmente. Elas continuam narrando a maldição do anel e quando Wotan ateará fogo à Valhala para marcar o fim dos deuses. Inesperadamente, o fio se rompe, e as nornas desaparecem nas profundezas, lamentando a perda do seu conhecimento.

Brünnhilde recebe a visita de uma de suas irmãs a valquíria Waltraute e pergunta o motivo da visita, já que Wotan havia proibido; também pergunta se seu pai já estava mais brando, e cita sua felicidade com Siegfried. Claramente abalada desde a chegada, a irmã responde que havia chegado por questões mais sérias.

Ela relata que, desde a exclusão de Brünnhilde, Wotan já não as enviava para as batalhas, ignorando os heróis, voltando para suas peregrinações. Ele sempre tinha em mãos os fragmentos de sua lança. Teme perdê-la, pois ela possui todos os tratados e barganhas que ele já havia feito, tudo o que o fortalece. Ele havia ordenado que os galhos da Yggdrasil, a Árvore do Mundo, fossem empilhados ao redor da Grande Sala da Valhala. Também havia enviado seus corvos para espiar o mundo e o informar sobre todas as notícias; só poderiam voltar para trazer boas notícias. Descrente, Wotan já esperava o fim da Valhala. As valquírias ainda sugeriram que o fim poderia ser evitado se Brünnhilde devolvesse o anel ao seu dono de direito, as donzelas do Reno. (pt.wikipedia.org/wiki/Götterdämmerung [Crepúsculo dos deuses]. Richard Wagner.)

O centro da história é o anel mágico forjado pelo anão Alberich, o nibelungo do título, a partir o ouro roubado do rio Reno quando as donzelas do Reno se distraíram. Diversas personagens míticas lutam pela posse do objeto, incluindo Wotan, o chefe dos deuses. Os acontecimentos são bastante influenciados pelos planos dele, que leva gerações para superar as próprias limitações.

A leitura do poema abaixo comprova a hipótese de que o título “O mau humor de Wotan” está baseado no prólogo de Richard Wagner. Não só para denunciar um período escuro, pode-se dizer “o caos” da história, mas também para oferecer uma reflexão, sobre a Alemanha, por meio da representação do homem alemão e promover arte e cultura.

Waltraute [Valquíria, irmã de Brünnhild]

Ouve com atenção / O que te vou dizer! / Desde que se separou de ti, /
 Wotan nunca mais nos enviou / Para o campo de batalha; /
 Cavalgávamos juntas / Desorientadas e indecisas, / o Pai dos Eleitos
 evitava / os corajosos heróis de Valhala / Sozinho, a cavalo / sem
 descanso nem paz / foi como viajante que pelo mundo vagueou. / Há
 pouco regressou; / nas suas mãos trazia / os pedaços da sua lança /
 que um herói despedaçara. / Com um gesto, em silêncio, / deu ordem
 aos nobres do Valhala / que fossem à floresta / abater o freixo do
 mundo. / Ordenou que amontoassem os pedaços do trono / Numa
 enorme pira / Em redor das moradas dos deuses / Reuniu o / conselho
 dos deuses / e tomou o seu / lugar no trono: / comandou que os
 deuses inquietos / se sentassem à sua volta; [...] // A segunda Norna /
 [ata o fio que a irmã lhe atirou numa saliência da rocha / junto à
 entrada da gruta] // Wotan gravou / na sua lança / as runas dos
 contratos / inspirados pela lealdade: / assim deteve ele o mundo na

sua mão. / Um herói destemido / Quebrou em combate a lança de Wotan. / Estava feita em pedaços / a sagrada lança dos pactos. / Então Wotan ordenou / Aos heróis que vivem em Valhalla que despedaçassem / O tronco e os ramos apodrecidos / do Freixo do mundo: / A árvore caiu, / para sempre secou a fonte. / Assim, hoje prendo o fio / A uma rocha pontiaguda / Canta irmã / Sou eu quem to atira / Sabes os que irá acontecer?

(Götterdämmerung [Crepúsculo dos deuses] Richard Wagner.

Disponível em

http://www.saocarlos.pt/fotos/p_s_crepusculo_final.pdf.)

Da leitura do texto de Richard Wagner, pode-se retirar algumas palavras ou expressões relacionadas ao *Fuehrer* como por exemplo, “separou”, “Wotan”, “campo de batalha”, “sem descanso nem paz” e “ordenou”, essas palavras formam um feixe, simbolizando força de um partido político conduzido por um líder autoritário. A floresta pode simbolizar os batalhões, os exércitos, ordenados por Hitler, para abater o inimigo. O Freixo do mundo, representa o líder alemão como centro do mundo, detentor de uma política e ideologia desumana. Hitler deteve o mundo em suas mãos. Os que o elegeram, cumpriram juramento de fidelidade. O final do texto, pode-se relacionar à queda de Hitler, quando um herói destemido, no caso os países aliados, quebram a lança de combate do líder alemão e despedaçam o Freixo do mundo.

Considerando o texto wagneriano, entende-se a resposta às perguntas sobre a perspectiva de Guimarães Rosa, confirmando, primeiramente, o que ele mesmo pensava sobre a política. Em entrevista concedida a Lorenz, o diplomata afirma: “A política é desumana porque dá ao homem o mesmo valor que uma vírgula em uma conta. Eu não sou um homem político, justamente porque amo o homem. Deveríamos abolir a política” (Lorenz 1983: 77).

Guimarães Rosa explicou que aprovava que um escritor discutisse sobre política, apenas quando desse um acento político, às suas obras, e não quando se mostrasse politicamente neutro em suas obras, isso mais no sentido da não participação nas ninharias do dia a dia político, pois esteve sempre do lado daqueles que arcaram com a responsabilidade e não dos que a negaram.

Sobre o risco que correu ao “retirar judeus das mãos da Gestapo” (Polícia Secreta do Estado), neste mesmo diálogo citado acima, Guimarães Rosa acrescenta:

O diplomata acredita que pode remediar o que os políticos arruinaram. Eu jamais poderia ser político com toda essa constante charlatanice da realidade. Os políticos estão sempre falando de lógica, razão, realidade e outras coisas do gênero e ao mesmo tempo vão praticando os atos mais irracionais de que se possam imaginar. (Lorenz 1983: 77)

Ao contrário dos “legítimos” políticos, o escritor mineiro acreditava no homem e lhe desejava um futuro. Confirmou-se em suas próprias palavras: “Sou escritor e penso em eternidades. O político pensa apenas em minutos. “Eu penso na ressurreição do homem.” (Lorenz 1983: 77).

O escritor de “O mau humor de Wotan” transpõe para o texto a descrição das paisagens, as mudanças das estações, os movimentos e nome dos animais e das plantas, registra palavras e expressões ora em língua alemã, ora em língua francesa. Estabelece vínculos com a cultura grega. Cidades alemãs e rios famosos por sua beleza. A fala, muito plástica e visualizante, narra de forma detalhada cada cena vivida em Hamburgo no contexto da guerra.

A experiência vivida pelo diplomata brasileiro em Hamburgo rendeu, como disse anteriormente, a escrita de algumas crônicas que relatam histórias do cotidiano no contexto da Segunda Guerra Mundial e um diário, conhecido por alguns pesquisadores como *Diário de Guerra* ou *Diário Alemão*, que foi escrito entre 1939 e 1941, entretanto continua inédito aguardando a autorização da família para eventual publicação.

“O diário tem uma importância literária e histórica óbvia”, afirma o professor Reinaldo Marques (www.gazetadopovo.com.br/cadernog, 2010), que, desde 2001, junto com os pesquisadores Eneida de Souza e Georg Otte, vem debruçando-se no estudo de algumas cópias desse diário que fazem parte do acervo da poeta Henriqueta Lisboa. Segundo o professor Reinaldo Marques, “É o único registro do olhar sobre a Segunda Guerra de um escritor com o perfil de Guimarães Rosa” (Marques 2010).

A hitlerocidade (Martins 2010) transparece em trechos de seu diário que remetem ao avanço da perseguição. A posição do escritor volta a aparecer, décadas depois, nas crônicas reunidas no livro póstumo *Ave, palavra* (1970).

Após essa análise, pode-se considerar legítima a hipótese de que Guimarães Rosa dá ênfase ao resgate cultural alemã. Percebeu-se que citação de nomes como Goethe e Richard Wagner, serviram de travessia para o encontro com outras de leituras, ampliando o horizonte de expectativas com relação ao conhecimento da literatura universal.

São leituras da literatura universal que irão dialogar com as outras crônicas que serão analisadas *a posteriori*.

A crônica “O mau humor de Wotan” e o “Diário de Guerra”

No quadro abaixo, segue-se a comparação entre alguns fragmentos do *Diário*, publicados na revista *Bravo!*, em fevereiro de 2000 com alguns parágrafos da crônica “O mau humor de Wotan”, publicada postumamente no volume *Ave, palavra* de 1970.

“O mau humor de Wotan”	<i>Diário de Guerra</i>
“Márion Madsen [...] foi rapidamente quase Minha namorada, durante um dia, à beira do Alster, em 1938. [...] Passeando em cima do Alster gelado,” [p.3]	13 de julho de 1940 – “Passeei hoje, com Ara [Aracy Moebius de Carvalho], à tarde. Fomos pela beira do Alster [Afluente do rio Elba que corta Hamburgo]. Num recanto da margem, perto da Lombardsbrücke [Ponte sobre o Alster].”
	Hans-Helmut Heubel <i>relia a Cabala ou</i>

	<i>a Bíblia. [p.3]</i>
	Para obedecer ao <i>Füehrer</i> , Márionchen? No livro, a palavra alemã <i>Füehrer</i> [líder] foi escrita com o trema na letra "ü". [p. 3]
	Passou a ser <i>Frau</i> Heubel, mulher de Hans-Helmut. Do modo, <i>por falho namoro e pela forte camaradagem seguinte</i> , vim a conhecer <i>um meu amigo</i> , que a <i>Europa me descobriu</i> . [p. 3]
Meu amigo tinha <i>sensata curiosidade por tudo o que do Brasil</i> , e eu opinava que ele devia emigrar para cá, depois da guerra, para ser dono de pequena fábrica de qualquer coisa, de bebidas, por exemplo.	Meu amigo tinha <i>sensato interesse por tudo o que do Brasil</i> , e eu votava-o a um dia para cá migrar, dono de qualquer fábrica, de bebidas, por exemplo. [p. 4]
Lutava-se <i>sinuosa e intensamente</i> , como anjos e demônios pela posse de uma alma, nos amáveis serões em que jogávamos o <i>skat</i> ou brincávamos de adivinhações inocentes.	Lutava-se, <i>em sinuoso</i> , pelo direito de uma alma, nos amáveis serões em que brincavam-se adivinhações inocentes ou se jogava o <i>skat</i> . [p.4]
Quem irá, porém, <i>esmiuçar o grão de areia gerador</i> , no seio de uma montanha, ou descobrir num esquema o nó causal, no cruzamento dos fios, dos milhões de fios que <i>fiam as Nornas</i> ?	Quem irá, porém, <i>esmiuçar o grão primigerador</i> , no âmagão de montanha, ou o nó causal num recruzar-se de fios, dos milhões desses que <i>fiam as Nornas</i> ? [p.5]

No que concerne ao problema da classificação da crônica e, na tentativa de entender melhor sobre este gênero, além das leituras de Massaud Moisés (1978), Antonio Candido (1997) e Jorge de Sá (2005), buscou-se a leitura das pesquisas desenvolvidos por Eneida Maria de Souza (2008), Adriana Jacobsen e Soraia Vilela (2006), João Batista Santiago Sobrinho (2009), Maria Aurinívea Sousa de Assis (2009) e Jaime Ginzburg (2010). Esses pesquisadores não esclarecem seu posicionamento com relação aos termos utilizados (conto, crônica-conto, crônica), de forma muito clara, entretanto, observou-se que Eneida de Souza conceitua "O mau humor de Wotan"; "A senhora dos segredos"; "Homem, intentada viagem" e "A velha" como "crônicas-conto", Adriana Jacobsen, Soraia Vilela, Santiago Sobrinho e Jaime Ginzburg utilizam a terminologia "conto", para os três textos "O mau humor de Wotan", "A senhora dos segredos" e "A velha".

Ao que parece, a crônica continua causando certa polêmica no âmbito da crítica literária. Entre os autores há disparidades classificatórias e, diante dessa grande possibilidade de caminhos, uma certeza: a crônica é um gênero de considerável complexidade e hibridismo.

Eneida Maria de Souza (2002 e 2008) analisou os textos "O mau humor de Wotan", "A senhora dos segredos", "Homem, intentada viagem" e "A velha", partindo do princípio de que esses textos produzem o efeito biográfico por meio de

registos de fatos reais, embora sejam construídos segundo parâmetros ficcionais, mas também revestem-se tanto do aparato documental quanto fictício. Eneida de Souza leva em consideração o teor testemunhal dos textos em análise.

Em outra abordagem Adriana Jacobsen e Soraia Vilela (2003) reconstroem um período pouco conhecido da biografia de Guimarães Rosa. Preparam um longa metragem intitulado *Outro sertão* que está relacionado com a crônica “O mau humor de Wotan”. Segundo as cineastas, a reconstrução audiovisual detalhada é feita com material original e imagens atuais dos locais por onde Guimarães passou.

Santiago Sobrinho (2009) faz uma leitura do texto “O mau humor de Wotan”, abordando como Guimarães Rosa transforma plasticamente a barbárie da guerra em imagens uterinas e por fim, analisa que enviar Hans-Helmut à frente de guerra, é concebê-lo como “inimigo objetivo”, seguindo os estudos da cientista política Hannah Arendt.

Maria Aurinívea de Assis (2009), em relação a “O mau humor de Wotan” e “A velha”, analisa os textos e conclui que a guerra representada nas narrativas de Guimarães Rosa não se fixa meramente ao factual, mas problematiza, no plano da linguagem, o que foi feito do humano.

A análise de Jaime Ginzburg sobre “O mau humor de Wotan”, “A senhora dos segredos” e “A velha” dá ênfase à categoria do testemunho. Toma por base os estudos de Paulo Astor Soethe que classifica os textos como “contos” e sugere haver um componente autobiográfico nesses textos, no entanto, para Ginzburg seria possível encontrar um *teor testemunhal*.

Das categorias discutidas nos estudos de Eneida Maria de Souza, Jaime Ginzburg e João Santiago Sobrinho a saber: testemunhal, autobiográfica, confessional, documental, observou-se que os três pesquisadores concordam com a mesma perspectiva analítica, em relação à categoria testemunhal, o que permite situar os textos como relacionados diretamente ao impacto da Segunda Guerra Mundial.

Conforme os estudos de Eneida Maria de Souza (2002 e 2008), Adriana Jacobsen e Soraia Vilela (2003), João Batista Santiago Sobrinho (2009) e Jaime Ginzburg (2010), no que concerne ao teor biográfico, documental, confessional e testemunhal, formulou-se e confirmou-se a hipótese de que há, nos textos em análise, um encontro de cada componente, que apesar de difícil classificação, constroem um texto sem fronteiras, não seguindo os parâmetros convencionais das classificações dos gêneros textuais.

O ponto de vista dos autores acima citados, são privilegiados, pois considerou-se o estudo desses pesquisadores um avanço na exploração das crônicas rosianas. Nessa perspectiva os autores contribuíram de forma relevante para o desenvolvimento dessa dissertação de mestrado.

A pesquisa que em parte se conclui, embasada nos estudos de outros pesquisadores, diferencia-se dos demais trabalhos, pois *a priori* apresentou-se algumas diferentes conceituações da crônica e depois um levantamento histórico cultural a partir das crônicas de Guimarães Rosa, levando-se em consideração que a obra deve ser privilegiada.

A crônica “O mau humor de Wotan” apresenta um quadro a mais, pois se apresentou a comparação entre alguns fragmentos do *Diário alemão* e da própria

crônica, a fim de observar algumas semelhanças entre os textos. No quadro que mostra a beleza poética nas crônicas de Guimarães Rosa, constatou-se a riqueza de sua leitura e escrita, o que leva o leitor a um vasto mundo de pesquisa e de apreciação pelas crônicas rosianas.

Ao contrário do ponto de vista de cada pesquisador já mencionado, considera-se aqui a diferença entre o desenvolvimento do trabalho desta pesquisadora em relação à abordagem feita por Eneida Maria de Souza (2002 e 2008), Adriana Jacobsen e Soraia Vilela (2003), Santiago Sobrinho (2009), Maria Aurinívea (2009) e Jaime Ginzburg (2010).

Outro aspecto que faz a diferença entre este estudo e os estudos dos pesquisadores citados acima dá-se pela comparação entre os textos escritos nos jornais da época e os textos publicados postumamente no volume *Ave, palavra*, de 1970. Para isso, utilizou-se material microfilmado cedido pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e da primeira edição do volume *Ave, palavra* cedido pela Biblioteca do Mestrado da UFPA e outras fontes como artigos, livros, dissertações, etc. A pesquisa nestes acervos contribuiu para a seleção e apresentação de textos desconhecidos ao público.

A crônica que mais apresenta correções e acréscimos feitos pelo próprio autor é “O mau humor de Wotan”. É a primeira crônica, pela ordem cronológica (1948), a mais instigante entre as outras que foram selecionadas.

Alguns pontos indicam o porquê da crônica “O mau humor de Wotan” ser a crônica mais rica em detalhes em relação às outras crônicas: primeiramente o enfoque para o contexto histórico relacionado à Segunda Guerra Mundial, fazendo um apanhado mais detalhado que retratam flagrantes do cotidiano, de ironia e humor. A crônica de Guimarães Rosa, pode-se dizer poliglota, pelo caráter heterogêneo que é ressaltado pelo seu tom multilíngue, ou seja, a presença de textos e expressões em alemão, francês, inglês, aramaico, além do português.

Assim como no Diário as anotações projetam-se para o mundo exterior, revelando um sujeito profundamente observador das pessoas, das paisagens e da cultura do mundo à sua volta. Aspecto plástico, sentencioso, a metáfora, só transmitem o seu sentido quando analisamos. Significa traduzir a crônica de Guimarães Rosa e para isso mergulhou-se em leitura atenta, valorizando o texto, perseguindo a obra, usando as forças da imaginação e o mais importante, ter o esclarecimento de certas palavras e expressões.

Além de ser um texto engajado em mostrar a face do caos e denunciar as atrocidades do terror da guerra, Guimarães Rosa preocupou-se em resgatar a cultura alemã. Apresentou-se neste estudo a comparação das crônicas com o Prólogo da obra “O anel dos Nibelungos” [*Der Ring des Nibelungen*] de Richard Wagner, bem como o caráter de testemunho presentes nas crônicas do escritor brasileiro.

A crônica “O mau humor de Wotan” cita nomes como o *Fuehrer* Adolf Hitler, Goebbels e Churchill que marcaram pelo exemplo de atitude autoritária e negativa no século XX, descreveu o caos pelo qual passou a Europa e o mundo, a destruição por causa dos bombardeios, os aviões, os alarmes, os toques de recolher, a fome, o frio intenso, as doenças, a morte, a dor da separação, no que diz respeito à angústia que vivem o casal Hans-Helmut Heubel e Márion Madsen, que representam as

famílias que foram separadas pelo trato nazista, o ódio aos judeus mistura-se à vida pacata dos moradores.

É descrito, em detalhes, o clima, as paisagens, animais, vegetação, restaurantes, visitas a amigos, viagens a cidades alemãs e referências bíblicas. Porém, além do que foi exposto, a beleza da crônica, como já foi dito, está no resgate cultural, quando percebemos que o cronista aborda sobre a cultura grega, hebraica, judaica, no entanto a maior ênfase está em resgatar a cultura alemã.

O cronista evoca a filosofia e nomeia personagens e lugares da cultura de diferentes povos como Heráclito, Sófocles, Himeto, Olimpo, Parnaso, Teutos, Cimbros, e nomes de grandes escritores e compositores entre os quais Richard Wagner, Strauss e Goethe.

A hipótese formulada, no sentido de descobrir o porquê do título “O mau humor de Wotan”, foi confirmada quando se leu o texto de Richard Wagner e, com base nessa descoberta, prosseguiu-se a análise da crônica, mantendo-se o diálogo com a obra de Wagner. O escritor-diplomata trabalha com acuidade nessas fronteiras de onde surgem atentas reflexões sobre as nuances da construção textual.

Guimarães Rosa experimentou a guerra de forma contundente. Com exceção de seu “Diário alemão”, é possível que o autor não tenha transmitido aos leitores, pelo viés literário, as vivências mais agudas relacionadas ao conflito. Pode-se dizer que elas ficaram caladas, como símbolo de um tempo em que o homem foi destituído da construção e da transmissão da experiência.

Analisar e escrever sobre a crônica de João Guimarães Rosa pode ser uma tarefa árdua, em contrapartida, na prática sente-se o efeito sobre a reconstituição do horizonte de expectativa que determina como a obra foi recebida pelo leitor.

GUIMARÃES ROSA, CHRONICLER OF WAR

Abstract: The book *Ave, palavra* by Guimarães Rosa was posthumously published in 1970. It is a compilation of 54 texts described by the author as a “miscellany”, a collection of travel notes, journals, poems, short stories, chronicles, events, poetic reports and meditations which, along with a variety of verses and some texts of philosophical approach, constitutes 20 years of collaboration for Brazilian newspapers and magazines. This essay aims to study the chronicle entitled “O mau humor de Wotan” (1948) focusing on the problem of classification of texts and their testimonial nature.

Keywords: Guimarães Rosa; *Ave, palavra*; chronicle; War.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Maria Aurinívea de. *Riobaldo e Aschenbach: audazes navegantes: experiências de travessia em Grande sertão: veredas e Morte em Veneza* (Dissertação de Mestrado). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Trad: Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BÍBLIA. Português. *A BÍBLIA SAGRADA*. Trad: João Ferreira de Almeida. rev. e atual. 2 ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BRAVO! São Paulo, n. 126, fev. 2008, p. 28-39.

CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

GINZBURG, Jaime. Guimarães Rosa e o terror total. In: CORNELSEN, Elcio; HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Trad: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LORENZ, Günter W. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo F. (org). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, v. 6, p. 67-97.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. 2 ed. revisada. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo. 2008.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária – Prosa*. São Paulo: Cultrix, 1978, p. 245-258.

ROSA, João Guimarães. O mau humor de Wotan. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 fev. 1948.

_____. *Ave, Palavra*; nota introdutória de Paulo Rónai. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. 6 ed. São Paulo: Ática, 2005.

SANTIAGO SOBRINHO, João Batista. O narrável da guerra e o inimigo objetivo, sob o céu de Hamburgo, em “O mau humor de Wotan”, de João Guimarães Rosa. *Investigações*, Recife, v. 22, n. 1, p. 133-150, jan. 2009.

SOUZA, Eneida Maria de. Rosa entre duas margens. *Margens – Revista de Cultura*. Belo Horizonte, n. 1, jul. 2002.

_____. Crítica genética e crítica biográfica. *Patrimônia e Memória*, Assis, v. 4, n. 2, p. 137-146, jun. 2008.

VILELA, Soraia; JACOBSEN, Adriana. Guimarães Rosana Alemã. *Cadernos de Literatura Brasileira*. São Paulo, ns. 20-21, p. 1-8 [encarte], dez. 2006.

Sites:

Götterdämmerung [Crepúsculo dos deuses] Richard Wagner. Disponível em:

<http://www.saocarlos.pt/fotos/p_s_crepusculo_final.pdf>, acesso em 02/12/2010.

<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Götterdämmerung>>, acesso em 02/12/2010.

<http://pt.Wikipédia.org/wiki/Carl_Gustav_Jung>, acesso em 03/05/2010.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Adolf_Hitler>, acesso em 03/05/2010.

<<http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteúdo.phtml?tl=1&id=795520&tit=diario-alemao-revela-um-observador-do-mundo>>, acesso em 03/12/2010.

ARTIGO RECEBIDO EM 08/03/2013 E APROVADO EM 03/05/2013